

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

Obs assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes rogamos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, o que é indispensavel para a regularidade e boa administração do nosso jornal.

E' fineza que esparamos receber e com que contamos.

A'quelles que já satisfizeram ao nosso pedido agradecemos.

AVEIRO

A EGREJA E O ESTADO

O combate que o «Povo de Aveiro» tem sustentado constantemente contra o clericalismo covarde, que o sr. Mendes Leite protege e o «Campeão das Provincias» defende, é o resultado da pessima constituição da sociedade religiosa em Portugal.

Ao ouvir-nos alguém atacar com violencia a reacção, quando ella pede em altos gritos a liberdade, julgará por momentos que somos uns despotas acobertados com o nome de republicanos e que são elles, «os opprimidos», os verdadeiros liberaes.

Elles gritam—deixae-nos a escola livre, a associação sem peias, e oppõe escola a escola, sociedade a sociedade.

Não reparémos no grito, porque a hypocrisia, a capa com que o vicio se disfarça, foi sempre o apanagio «honrado» do clero.

Mas bem; dar-lhe-hemos tado isso no dia em que fôr proclamada a separação da Igreja do Estado.

da a separação da Igreja do Estado.

O poder da Igreja foi enorme. Avassalou o mundo e dominou a consciencia. O espirital confundiu-se com o temporal a ponto do papa sér o arbitro dos destinos dos povos. A sciencia era cultivada pelos padres,—unicamente. A sciencia? Isto é, a theologia que se consubstanciava no dogma, no milagre, no metaphysico.

Entretanto, tudo se desagregou. As fogueiras da inquisição, os martyrios do santo officio, em lugar de matar o livre pensamento deram-lhe maior enthusiasmo. A guerra ao privilegio e ao despotismo accendeu-se com vigôr. E triumphámos, depois de sacrificios immensos e luctas dilacerantes.

Porque não ha de sér fatal a victoria, que ainda não está completa, quando se separar a Igreja do Estado? Se esmagámos as vossas oppressões tyrannicas, porque não esmagar-vos de todo, agora que temos tanto terreno andado?

Sim, ficae com a liberdade d'associação, de reunião e de propaganda, mas separe-se a Igreja do Estado. O que queremos são armas eguaes, porque a victoria definitiva será nossa. O que condemnámos e repellimos são os vossos meios torpes e covardes.

Quem pisou o clero nos seus momentos d'esplendôr, não o receia hoje. A verdade está do nosso lado. Respeitae-a e avante.

A separação da Igreja e do Estado é o resultado necessario da liberdade de consciencia. O absurdo de se me impor a mim,

ou áquelle judeu, ou áquelle protestante a religião catholica, é repellente. Cada um professe livremente a que quizer, com respeito absoluto pelas crenças dos outros.

Por conseguinte, se é sinceramente (falsa hypothese!) que o clero reclama a liberdade ampla de se reunir, congregar e ensinar, nós offerecemos-lha de boa vontade, com tanto que o Estado não reconheça religião alguma e estabeleça o ensino «obrigatorio, gratuito e secular».

Obrigatorio, para que o povo possa reger consciencientemente os seus destinos, tornando-se o suffragio universal um facto positivo.

Gratuito, para não sobrecarregar o proletariado e para que haja verdadeira egualdade entre o pobre e o rico.

Secular, como a consequencia logica da separação da Igreja do Estado. O ensino religioso ou atheista que fique aos paes.

O Estado ensina a creança a lêr, escrever, contar, historia, geographia etc, e mais nada. Se lhe ensinasse qualquer religião ia ferir o livre pensador, o positivista, o atheu. Se lhe ensinasse o positivismo ia ferir o catholicismo.

Eis as condições em que offerecemos a paz á Igreja.

Se sim, sim; se não, não.

Ignotus.

O ROUBO

Expliquemos o caso. Uma senhora que está no convento de Jesus entre-

gou ha tempos, segundo corre no publico, uma quantia de alguns centos de mil reis a um cavalheiro muito conhecido na cidade, para este lhe empregar em inscrições. O citado individuo morreu, antes de empregar o dinheiro, de que não ficou titulo algum.

Teve de se proceder a inventario da fortuna do fallecido, por haver menores. Um velha, que vivia com elle, foi nomeada cabeça de casal. Porem houve necessidade de a substituir por causa da sua inexperiencia e avançada idade.

O novo cabeça de casal tomou conta dos objectos de maior valor, relacionou-os, metteu-os n'um bahu e fechou-os n'um quarto da casa onde vivia a velha com umas creadas.

Parece que passados dias a mulher requereu ao juiz para sér considerada cabeça de casal. O juiz defferiou, mas nada foi participado ao antigo chefe de familia, nem elle entregou os objectos que estavam sob a sua guarda.

Na tarde de 15 do corrente, a velha mandou chamar um creado que servira o fallecido, este foi chamar um serralheiro, que arrombou a porta do quarto e de noute desappareceram os bahus.

Agora o resto. Interrogadas a velha e as creadas responderam que nada sabiam, nem tiveram conhecimento de cousa alguma. O creado, que chamou o serralheiro, faz identica declaração. Todavia o serralheiro diz que arrombou de facto a porta por ordem da velha, em presença das creadas, allegando aquella que tinha perdido a chave. Apertado o creado, confessa que era aquillo verdade e que conduziu os objectos contidos no bahu para casa d'uma comadre da velha.

Compareceu a comadre, que negou a pés juntos. Depois de muitas tentativas, comtudo, declarou que os objectos estavam no convento de Jesus.

Portanto o crime estava claro, clarissimo, sem apresentar duvidas de qualidade alguma. Pois apezar d'isso, o delegado do procurador regio, fun-

dando-se em certo requerimento do advogado da velha, requerimento que não podia impedir a acção de justiça, mandou archivar o processo, declarando não haver elementos de culpabilidade.

Sr. ministro da Justiça, é a v. ex.ª que nos dirigimos agora. O sr. Cesar de Sá, delegado do procurador regio em Aveiro, tem praticado muitas gentilezas identicas. A opinião publica accusa-o de grandes crimes. Não ha em Aveiro ninguem que o não aponte com o dedo, como autor de graves irregularidades. Arrasta pela lama a magestade da justiça. Se é verdade o que se diz, aquelle homem envergonha a magistratura, a sociedade portugueza e esta terra honrada. Nada afirmámos, porque n'estes casos e n'esto instante as affirmações seriam prematuras. Sômos a voz do povo, que chega até v. ex.ª. O ministro da justiça, que se preza de honesto, não pode deixar de mandar syndicar dos actos do delegado do procurador regio em Aveiro. Uma syndicancia rigorosa, sr. Julio de Vilhena, e creia-nos a fé de jornalistas honrados, que não nos move nenhum odio pessoal contra o sr. Cesar de Sá e que exprimimos apenas e puramente, a opinião publica.

Agora, sr. governador civil, nós tambem. O convento de Jesus é um receptaculo de roubos. E' a crapula do vicio como todos os conventos. Todavia v. ex.ª protege-o. Despreza as nossas reclamações; é cúmplice nas infamias do jesuitismo. E' inutil gritarmos mais e só nos resta appellar para a revolta do povo d'esta terra.

Abaixo o governador civil, que não cumpre o seu dever!

FRANÇA

«Os orgãos reaccionarios ficaram a attonitos com os resultados das eleições de conselheiros geraes. A derrota fulminou-os como um raio.

Todavia era de prever o triumpho

(8) **Folhetim**

DISCURSO

PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessão de 16 de julho de 1880

Pelo snr.

Saldanha Marinho

O proprio governo não tinha nem tem jurisdicção para estabelecer ou consentir a distincção de raças, e entretanto approvou estatutos nos quaes as forasteiras irmãs de caridade, essas insignes guardas avancadas do jesuitismo, estabelecem a ignominiosa distincção entre «meninas de cor» (pobres) e meninas brancas!

O sr. Ray Barbosa:—Isto é muito evangelico!

O sr. Saldanha Marinho:—Essa odiosa distincção, que bem manifesta o caracter politico da associação, já de ha muito estava estabelecida pelas irmãs de caridade, mas nos seus regulamentos internos, e que só se conhecia fora dos collegios por ver nos passeios que costumam fazer, de ostentação de numero, para maior credito do estabelecimento, a divisão que havia entre umas e outras. Isto é agora oficialmente auctorizado, porquanto no art. 3.º dos estatutos está claramente declarado, e taes estatutos são approvados por decreto de 16 de junho.

E com que fim são assim apontadas as

«meninas de cor»? São as escravas, ou mulheres de trabalho material em proveito das irmãs de caridade. Veja-se o artigo 13.º d'esses estatutos!

Que educação recebem essas pobres «meninas de cor»? São apenas as machinas de trabalho, e de trabalho incessante. Tremem ante a pintura das penas eternas, e obedecem passivamente as irmãs, e aos capellães das irmãs.

Essa officina de costura, lavagem e engomado, cujos trabalhadores são «meninas de cor», rende e rende muito, mas não para com o producto liquido do trabalho formarem um peculio para si, mas para os cofres geraes das «congregadas do Senhor»!

E nem sequer essas desgraçadas são sufficientemente alimentadas. E é assim, porque basta uma simples inspecção ocular para ler-lhes na phisionomia o cansaço resultante da exigua alimentação.

E assim que, aparentando uma caridade extrema, fazendo acreditar que instruem e alimentam a grande numero de desvalidas, podem construir palacios e remetter para a Europa, e ao centro dos jesuitas quantias avultadas, que d'aqui extarquem á custa de veronicas, de rosarios e de agua de Lourdes.

Vou relatar á camara um facto que me indignou e que tive de verificar, admirando-me de que fosse praticado na corte d'este Imperio e em presença do governo e auctoridades:

Uma pobre mãe procurou-me como advogado para aconselhar-a sobre o que lhe cumpria fazer nas circumstancias em que se achava. Disse-me que tinha duas filhas, e que, tendo-as no collegio das irmãs de caridade, (eram umas pobres meninas de cor), as foi visitar, como costumava fazer, e lhe negaram ver as filhas; ella cuidadosa e afflicta voltou, exigiu, gritou, que queria ver suas filhas, e então a despediram dizendo-

lhe que as meninas estavam alugadas! (Sensação).

Não ficou só n'isto. O sr. Felicio dos Santos:—Foi nos expostos?

O sr. Saldanha Marinho:—Supponho, pelo que me recordo, que era mesmo no collegio d'essas irmãs. A pobre mãe voltou ainda a indagar onde estavam as filhas alugadas, e a resposta foi que não tinham que dar satisfações; e a mandaram pôr fóra da casa.

Fiz um requerimento ao provedor, a quem a propria mãe foi levar a despacho, pedindo providencias e sobretudo a entrega de suas filhas; o provedor ouvindo a irmã superiora, que nunca deixou de ser atendida mesmo nos seus caprichos, deu o seguinte despacho: «Não tenho que delerir! E nunca mais a pobre mãe viu suas filhas! (Sensação)

Atenda agora V. Ex.ª para o fim da nova instituição approvada por esse decreto de 16 de junho. É para «cuidar» da roupa, alfaias e mais paramentos que servem nos actos religiosos, fornecendo esses objectos ás «egrejas necessitadas»!

Compreende V. Ex.ª, sr. presidente, que geralmente as nossas egrejas leem as suas confrarias, teem seus rendimentos...

O sr. Felicio dos Santos:—As suas fabricas.

O sr. Saldanha Marinho:—... as suas fabricas, as suas irmandades, que por compromissos approvados se obrigam a todas as despzas do culto. As «egrejas necessitadas» ficarão, portanto, muito reduzidas, e a associação creada por este decreto pouco ou nada terá que despendar.

As novas senhoras congregadas trabalharão no collegio das irmãs de caridade, ás sextas-feiras, tendo permissão para levar as suas convidadas affim de conversarem, conviverem, e receberem as insidiosas insinuações da su periora.

A palestra ás sextas-feiras, já se sabe, e os estatutos o dizem, é presidida pela irmã de caridade superiora, a qual geitosamente não se descuidará de obter maior somma de «esmolas» com que cada uma possa concorrer, mesmo esquecidas de pae e mãe, porquanto, segundo a educação d'essas ferrosas irmãs de caridade, «só se deve ter em mente a Deus».

Aqui na corte foi iniciado um processo acerca de um grande escandalo que se deu, e que por isso mesmo foi abalado. Uma pobre menina, recolhida ás irmãs de caridade, onde estava sendo educada, a expensas de uma familia que a protegia, sahio para casar, e effectou-se o casamento. Logo apoz, foi repudiada pelo marido, e sob um fundamento ignominioso.

Fizeram se indagações e verificou-se a maior das torpezas praticada em nome de Deus!

O sr. Jeronymo Sodré:—É um abuso lamentavel, mas que se tem dado tambem em outras casas de educação.

O sr. Saldanha Marinho:—E' o que eu já esperava, (riso), mesmo para decação de consciencia.

O sr. Felicio dos Santos:—As senhoras mais distinctas do Rio de Janeiro são educadas pelas irmãs de caridade.

O sr. Saldanha Marinho:—Seja o que V. Ex.ª quizer.

O sr. Felicio dos Santos:—E' verdade. O sr. Saldanha Marinho:—Mas é verdade tambem que os santos padres lazaristas, sempre ajudados pelas suas insignes irmãs, só se occupam de ganhar dinheiro, gozar...

O sr. Felicio dos Santos:—Essa é a preoccupação de todos nós.

O sr. Saldanha Marinho:—E' a preoccupação de todos estes padres com que a Europa nos tem felicitado, e hade ser d'aquelles que estão para vir para o Imperio e que

os nobres deputados não de receber de braços abertos.

O sr. Felicio dos Santos:—Deixal-os vir! Não tenho medo de nenhum d'elles.

O sr. Saldanha Marinho:—De padres d'esses temos nós boa copia. V. Ex.ª hade estar lembrado do discurso do meu nobre e distincto amigo sr. Moura, representante pela provincia da Bahia, que expoz com documentos officiaes as brilhanturas de um vigario que inclusivamente tem loja de fazenda para luxo, (riso), e um caixaço que aluga para carregar os cadaveres, acontecendo que, quando ha dois para enterrar no mesmo dia, um espera pelo outro, para que o caixaço sirva a ambos, e renda aluguer. (Riso).

O sr. Felicio dos Santos:—Esse não é jesuita nem lazarista.

O sr. Saldanha Marinho:—E' ultramontano por força, affirmo-o a V. Ex.ª, e o Sr. Marcelino Moura o dirá. (Signal affirmativo do sr. Marcelino Moura).

Este vigario até descobriu um modo de, sua phrase, applicar ventosas (Hilaridade). Elle applica ventosas de tal natureza, e com tal arte, que nunca mais a pobre victima pôde restabelecer-se ao antigo estado. (Risadas).

O sr. Jeronymo Sodré:—Esse vigario é livre pensador pelo menos.

O sr. Saldanha Marinho:—Está enganado: o livre pensador não applica «ventosas» (riso) em nome de Deus, e por bem da «salvação das almas», o livre pensador respeita a sociedade em que vive, não calcula os direitos de seus semelhantes.

O livre pensador é franco e expõe-se com lealdade, não vive da insidia, condemna a hypocrisia e abomina o fanatismo.

O sr. Jeronymo Sodré dá um aparte.

O sr. Saldanha Marinho:—V. Ex.ª é ultramontano? Não o creio.

O sr. Jeronymo Sodré:—Já o tenho dicto

dos republicanos. Quando estes se unem, esquecendo divisões intestinas e principios diferentes, é certa a victoria. Ora nas presentes eleições communaes a lucta travava-se só entre a republica una e monarchia unida. Alli não havia radicaes nem opportunistas.

Havia republicanos d'um lado e realistas e imperialistas do outro.

«Sobre o terreno apertado das eleições cantonaes, escreve La Justice, a lucta não pode admitir grande numero de competidores. E'sse pela Igreja ou pela sociedade civil, pelo presbyterio ou pela escola, pelo castello ou pela communa, pela monarchia ou pela Republica.»

E quem quer a Igreja, o presbyterio, o castello? A Igreja é fria e severa; causa-nos rheumatismo agudo. No presbyterio ha o padre boçal, ignorante e sujo, que nos repugna. O castello é escuro e feio; sahimos de lá transidos do medo.

Não; as sociedades modernas adoram a luz, o ar, a alegria das creanças. Compreenderam já que a hygiene é o maior recurso da vida. Por isso:

«D'esta vez ainda foram vencidas a Igreja, o presbyterio, o castello, a monarchia. A França repelle cada vez mais o seu passado. Affirma a sua fé ardente na Republica.»

O resultado das eleições communaes é o assumpto obrigado dos commentarios de toda a imprensa franceza. Os jornaes que temos á vista espraíam-se em largas considerações sobre aquelle acontecimento d'importancia decisiva na vida da grande Republica latina.

Como se sabe, a ousadia da reacção augmentou consideravelmente nos ultimos tempos.

As manifestações legitimistas, o celebre manifesto do Plon plon, o negocio irritante dos principes, umas debéis tentativas de conjuração monarchica desnortearam a opinião dubia da Europa, que se assustou e alegrou segundo as suas creanças variadas, pela fraca segurança do regimen democratico.

Não faltou quem affirmasse com petulancia a morte da Republica e quem receiasse innocentemente essa grandissima catastrophe. Nunca fomos nem d'uns nem d'outros e as eleições actuaes vieram-nos auxiliar.

Com effeito, depois de tantas prophcias heroicas era naturalissimo que o suffragio universal se resentisse de tantos decantados abalos, deixando a Republica estacionaria em lugar de a impellir no caminho que rasgadamente se traçou, com um voto solemne de confiança. Não succedeu assim. Os republicanos ganharam 428 lugares de conselheiros e além d'isso, o que é mais, foram desalojar a reacção dos seus melhores centros de batalha.

Sim, a maior importancia do acontecimento está n'isso. Os republicanos, triumphantes ha muito nas grandes cidades, começam a ser recebidos com applauso na maioria dos burgos. Não é só o operario das grandes officinas, o burguez ilustrado, o alumno das academias que aceitam com enthusiasmo os ideaes republicanos; é o tambem já o rude camponez sujeito até aqui ao predomínio bestial do clero.

A democracia alarga-se em todo o paiz, procura e encontra novos centros d'ação, subordina o povo a uma disciplina bem ordenada e pensante, e não tardará muito que esmague de todo os seus adversarios. Eis o facto, contra o qual de nada vale declamar.

Se quizerem a causa d'isso procuram-na no engrandecimento da França, na sua politica verdadeiramente patriótica, no tino, na honestidade, na prudencia e fé dos seus homens d'estado.

O caso Boland desperta as curiosidades geraes e dá logar a longos artigos nos periodicos de todas as côres.

Este senhor Boland é um ex-director do Nacional Belga, que extraviou varios fundos confiados a sua guarda.

Processado por isso, declarou em pleno tribunal que 16:000 francos de que não sabia dar conta os dera a dois deputados francezes para o auxilia-rem n'uns arranjos commercaes pouco licitos. Não obstante o reu declarou que não podia provar a sua declaração com documentos e que só a apresentava sob palavra, o tribunal absolveu-o.

Alguns jornaes tomaram nota da declaração e fizeram com ella bastante ruido. A maioria republicana da camara, mesmo havendo todas as probabilidades de que o Boland era um simples calumniador, reuniu-se e cada um dos seu grupos, extrema esquerda, esquerda radical, união republicana e união democratica, elegeu um representante para indagar do negocio.

Juntos os quatro, resolveram intimar o sr. Boland a declarar quaes foram os deputados que receberam os 16:000 francos, a fim de se proceder contra elles.

Boland começou com evasivas. Tendo dito no tribunal ou algures, que estava prompto a declarar á camara os nomes dos representantes do povo que se deixaram subornar, disse aos quatro delegados da camara que o não declarava porque não queria soffrer um processo por diffamação. Debalde homens tão auctorizados como os srs. Devès, ex-ministro da justiça, Barodet, Ranc e Remoiville lhe affirmaram que não seria processado. O mais que conseguiram foi arrancar-lhe a promessa de que o declararia se o seu advogado a isso o auctorisasse. Este, chamado, disse que lhe não parecia conveniente que elle o declarasse, mas que o fizesse se quizesse.

Então o tal Boland prometeu solememente declarar-o d'ali a oito di-

as. Fintos estes e quando os quatro delegados reunidos o esperavam, mandou-lhes uma carta em que lhes participava a sua resolução de permanecer no mutismo habitual.

Não queremos saber se existiam ou não os dois deputados deshonestos. Aqui, o que nos importa é o procedimento da camara, que é nobilissimo. Correu que dois dos seus membros haviam recebido illegalmente uma certa quantia para proteger escandalos. Sem provas, sem indicios suspeitos, sem nada, levantou-se immediatamente a pugnar pela sua honra enxovalhada.

Quantas accusações trinta mil vezes mais graves se não tem feito a funcionarios portuguezes? Ainda n'outro dia se citaram escandalos e porridões que envolviam deputados da nação, os quaes de braço dado com as hetairas manchavam o sacerdocio augusto da representação nacional.

E quem os procurou, para os enxotar como indignos? Ninguém. Continuou a ser queridos e recebidos como anteriormente. A comparação entre a conducta da nossa gente e a da camara franceza nas circumstancias presentes, resalta viva e fulminante. A corrupção monarchica portugueza comparada com a honestidade da França democratica até nos entristece.

A differença é enorme, não porque Portugal tenha o patrimonio da deshonra e a França o patrimonio da honra, mas porque aqui ha monarchia e lá ha Republica.

Onde ha Republica, ha responsabilidades e castigo e isso explica a honestidade; onde ha monarchia, ha o patronato escandaloso, a padrinhagem indigna, que recompensa o mais vil haço.

A França tambem teve grandes infamias officiaes... no tempo do imperio.

De resto, estando convencidos que o tal sr. Boland era um misero calumniador. Assim é tido por todos os jornaes, incluindo os ultramontanos, que o accusam de tratante.

Quem possui uma chronica tão escandalosa e está tão desacreditado no seu paiz, segundo informações veridicas, é capaz de tudo.»

(Do Seculo)

BAIRRADA

Está crescendo cada vez mais o movimento de passageiros e a affluencia de mercadorias na estação de Mogofores. No concelho d'Anadia ha duas minas de magnenez em exploração. Este mineral concorre todo á estação de Mogofores para seguir para o Porto, mas além d'este producto, todos os dias são exportados d'aquella estação dezenas de carros com cal, corti-

ça, madeira, pedra para construção, além de grande numero de pipas de vinho, procedentes de todo o centro da região vinicola da Bairrada. Pois, apesar d'este enorme movimento de mercadorias, a empresa dos caminhos de ferro do norte e leste ainda não entenderem ser occasião de elevar a 2.ª classe a estação de Mogofores, augmentando o seu pessoal e alargando as dimensões do caes, de modo que o publico não continue a soffrer grandes prejuizos nos seus interesses pelas faltas que actualmente se notam na mencionada estação.

Estas companhias poderosas que só cuidam de auferir grandes interesses, e que impõem a sua vontade aos governos que d'ellas dependem, representam a maior calamidade que pode cair sobre um paiz pequeno como o nosso. Todos sabem o quanto a companhia dos caminhos de ferro do norte tem abusado das complacencias de todos os governos e como ella se ufana de ludibriar o publico diariamente. E' raro o dia em que os comboyos chegam á tabela; os horarios são despropósitos e absurdos; as carruagens estão cada vez mais immundas; não ha material sufficiente para o transporte de mercadorias; o pessoal nas estações é limitadissimo; desaparecem umas encomendas e outras chegam tarde e a más horas aos seus destinos; emfim, é tão comprido e tão lastimoso o sudario das irregularidades d'esta famosa companhia que no paiz cremos que não ha um só individuo, um unico cidadão, que d'ella não tenha, uma vez ao menos soffrido uma vexame ou um logro qualquer.

Na Bairrada são quotidianas as queixas e geraes os clamores contra as irregularidades da companhia, não que o actual chefe da estação de Mogofores não faça por cumprir os seus deveres e por servir o publi o tão bem quanto cabe nas suas attribuições, mas embora a boa vontade d'aquelle empregado, o serviço não pode ser bem feito, porque lhe falta pessoal e a companhia cerceia-lhe os elementos de pôr em acção o seu genio trabalhador e prestadio. Assim, acontece muitas vezes que os exportadores de cal, magnenez, cortiça e vinhos, estão dias e dias á espera de wagons para o transporte dos seus productos, soffrendo com a demora grandes prejuizos; outras vezes a accumulção de mercadorias é tão consideravel e o espaço da via para o carregamento junto ao caes é tão acanhado, que se estragam os objectos, por não se removerem promptamente para os seus destinos. Por mais providencias que se tenham pedido, por mais reclamações que se tenham feito, e por mais urgente que se considera a elevação a 2.ª classe da estação de Mogofores, que está ainda sendo de 3.ª, como na primitiva, por mais justas, emfim, que sejam as queixas de toda a gente, a mui poderosa companhia permanece surda a tudo, e vae abusando indignamente da sua po-

sição e das boas graças em que está com o governo. A este não pedimos providencias. Era bradar no deserto. O que promettemos é verberar com toda a valentia sempre que tenhamos occasião, os desmandos da mui alta companhia, até que haja um governo cheio de moralidade e independencia que não transija com as suas irregularidades com os seus intoleraveis abusos.

CARTAS

Lisboa 24 de agosto.

Além da falta completa d'assump-tos, o calor extraordinario que ha quinze dias faz em Lisboa não nos deixa eserever.

A politica está em ferias em toda a Europa. Os estadistas passariam pelos campos e pelas praias.

Por ora, e na apparencia, tudo é socego e paz.

—Lê-se no *Diario de Noticias*: A maior parte dos conductores da companhia dos carris de ferro de Lisboa combinaram entre si, debaixo do mais rigoroso sigilo, a ponto de ser completamente ignorado de todo o pessoal superior da companhia, constituir-se em greve para exigir que o serviço seja augmentado com mais um turno, a fim de terem mais folga, porque se julgam muito sobrecarregados. Hontem de manhã, á hora em que deviam começar a sair os carros da estação, os grevistas, depois de se reunirem n'uma casa em Alcantara, foram tomar os pontos convenientes para obstar que entrassem para o serviço aquelles dos seus companheiros que não tomaram parte no accordo. Compareceu logo o sr. Hewel, chefe do movimento, que providenciou chamando os cocheiros que estayam de folga e encarregando-lhes os logares de conductores, saindo alguns carros ainda com atraso. Mais tarde a direcção tomou conhecimento do pedido, resolvendo attendel-o começando no domingo a nova ordem do serviço. Compareceu o sr. commissario geral, com uma força da policia para manter a ordem, que não nos consta ter sido alterada.

—E' hoje que se realiza no hotel Tejo, em Pedrouços, o grande banquete republicano para commemorar o glorioso anniversario da revolução de 1820.

—O governo de Madrid prohibiu n'aquella capital a circulação do *Antonio Maria*.

A marinha portugueza tem actual-mente nas colonias os seguintes navios:

—Em Angola, as corvetas *Duque da Terceira* e *Rainha de Portugal* as canhoneiras *Quanza*, *Douro* e *Bengo* o vapor *Vilhena*. A canhoneira *Quanza*

mil vezes, e honro-me muito de o ser, como V. Ex.ª é livre pensador.

O sr. Cesario Alvim:—Apoiado; o que se chama liberdade de consciencia.

O sr. Jeronymo Sodré:—Mas é o que nos querem negar a nós os catholicos. Estamos aqui debaixo dos apodos constantemente da tribuna e da imprensa.

O sr. Rodolphe Dantas:—Porque não se separam do orgamento?

O sr. Jeronymo Sodré:—Façam a lei.

O sr. Saldanha Marinho:—Voltemos aos estatutos.

Ha socios contribuintes e socios honorarios, socios remidos e socios benemeritos. E tudo isto se reduz a dinheiro e mais dinheiro, o qual tudo reverte em proveito das irmãs de caridade.

Dada a liquidação da sociedade, todo o capital passa a pertencer ás irmãs de caridade; e eis ahí todo o plano, que o governo auctorizou, por não prestar a devida attenção á materia.

Podendo ser averbado de suspeito contra as irmãs de caridade, se bem que não seja guiado por odio ou má vontade, sim somente pela consciencia, amparar-me hei com a opinião de um dos mais distinctos parlamentares de que tenho noticia, do illustrado José Estevam, de cujas palavras me vou soccorrer.

Tratando-se da admissão das irmãs de caridade em Portugal, disse elle no parlamento, e com o maior fundo de verdade e a mais plena imparcialidade, o seguinte (lé):

«Sou inimigo das irmãs de caridade, porque as considero como um ataque ao principio da familia; e a caridade attribuida a uma certa instituição, com o piedoso fim de educar as creanças e tratar dos enfermos nos diferentes paizes da terra, é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus.

«Este cosmopolitismo não me parece necessario nem util.

parados e resolvidos por seu antecessor. Acredito na sinceridade da defeza, mas lamento que o nobre ministro confiasse demais, e que sem mais exame assignasse o que recorrer sob sua responsabilidade, e não pela de quem o tinha preparado. Se S. Ex.ª tivesse consultado os seus companheiros e especialmente o nosso distincto amigo ministro dos estrangeiros, S. Ex.ª não teria expedido taes decretos.

(Ha alguns apartes).

Não se diga que havendo uma resolução imperial de consulta sobre qualquer materia, o actual ministro esteja na rigorosa obrigação de expedir o acto respectivo.

Longe de nós semelhantes doutrinas. A opinião do referendario, é a que deve prevalecer. O ministro actual pôde ter opinião diversa da que a resolução adopta: n'este caso cumpre-lhe reformar-a mas nunca responsabilizar-se materialmente por facto alheio.

Direi em conclusão a este ponto que, estatutos de associações creadas, como estas, pelas irmãs de caridade, que só podem funcionar nos collegios d'essas mulheres, que tem o bispo do Rio de Janeiro, jesuita honorario e servo humilissimo de Roma, como presidente perpetuo; associações cujos fins manifestos são os de agenciarem dinheiro para as irmãs de caridade, isto é, para avolumar na Europa a riqueza dos jesuitas; estatutos nos quaes além de muitos defeitos, e da manifesta insidia com que são elaborados ainda perpetuam a distincção de côres entre os brazileiros, não podiam, não deviam ser jámais approvados.

O futuro convencerá o governo do erro que commetteu, e do mal que causará ao Brazil, se não se collocar á frente da cruzada patriótica contra toda essa hoada de inimigos da civilização e da liberdade.

Passo ao oitavo ponto:

«O governo está disposto a manter, proteger ou tolerar o ensino publico dirigido por

jesuitas, lazarietas ou irmãs de caridade?»

Sr. presidente, desejava estar informado oficialmente de algumas circumstancias que bem me orientasse n'esta discussão.

Em 19 de abril do anno passado requeri a esta augusta camara que se sollicitasse do governo diversos esclarecimentos, concernentes ao assumpto de que me vou agora occupar.

O meu requerimento foi approvado, e n'essa mesma data foram pedidos ao ministrio do imperio as seguintes informações (lé):

1.º Quantos estabelecimentos de instrução existem na capital do Imperio, dirigidos por irmãs de caridade ou por quaesquer outras associações religiosas.

2.º O numero de alumnos existentes em cada estabelecimento.

3.º Em nome de quem estão lançados os predios em que funcionam taes estabelecimentos, e quanto têm elles produzido de decima urbana, annualmente no ultimo decennio.

4.º Cópia da decisão do governo dispensando as senhoras pertencentes a taes congregações, das provas de capacidade profissional, para poderem seguir o magisterio.

Até hoje, e são passados 15 mezes, não se dignou o governo satisfazer essa requisição da camara, e, em taes condições, me permitira o nobre sr. ministro do imperio, que trate d'esta materia guiado apenas pelo que geralmente consta e mais que expresse a minha opinião sobre este assumpto ao qual ligo importancia.

Os dois avisos de que já dei conhecimento á casa, um de 1860, e outro de 1864, condemnaram o ensino nos collegios das irmãs de caridade e quaesquer outros, uma vez que não fossem presididos por pessoas legalmente habilitadas e com professores que não fossem devidamente auctorizados.

Taes avisos não tiveram até agora a necessaria e fiel execução; e a não ser algum sophisma com que se nos pretenda illudir, os collegios das irmãs de caridade e de padres lazarietas continuam existindo—estados no

estado—com escarneo á nossa lei, e quebra da moralidade e da administração publica.

Trata-se, senhores, da instrução do povo, trata-se da educação de futuras mães de familia, trata-se portanto da sorte futura de nossa patria. E o objecto é importantissimo, e a responsabilidade dos actuaes representantes da nação e do governo é da maior gravidade. Um descaído sobre o futuro de nossa terra, n'esta materia especialmente, é um crime de leoa nação.

Tratemos d'isso portanto com o maior empenho, com a maior abnegação e desprendidos de quaesquer suggestões.

Uma sociedade que se renova, fere necessariamente antigos preconceitos e velhos interesses e quando não acha nos governos a coadjuvação necessaria ás revoltas indispensaveis, não se exija calma ou moderação.

Não é de hoje que me esforço por libertar o povo do ensino e educação dirigidas por corporações religiosas, especialmente das que temos e cujos interesses são mais abertamente contrarios aos mais sãos principios liberaes.

Examine-se, já o disse na imprensa, o que se passa nos collegios e nas escolas dirigidas por jesuitas e irmãs de caridade, e se verificará que o espirito de mocidade, que ahí vae procurar illustração, acha-se não esclarecido mas perturbado; não illuminado pelo desenvolvimento da razão, mas sim atropiado por erros e idéas repugnantes.

Começam esses nocivos preceptores por fazer de cada um dos e acandos um intolerante; incutem, com auctoridade, em sua facil imaginação, tudo quanto no futuro pôde dar victoria ás preferções exageradas de um clero obsecado, cheio de odios e de vinganças, e que, voltado sempre para o passado, detesta o presente, e não admitta idea alguma de liberdade, de razão, de sciencia verdadeira, e de progresso.

(Continúa)

tem ordem para retirar. Commanda esta força naval, um capitão tenente. Em Moçambique, a corveta *Miradello* e a canhoneira *Mandovi*. Commanda esta força um capitão de fragata. Em Macau a canhoneira *Tamega*, commandada por um capitão tenente. Na índia não ha navio algum estacionado. Em Cabo Verde e na Guiné, também não temos navio algum de guerra. Em S. Thomé, a canhoneira *Rio Ave*, commandada por um primeiro tenente.

Y

SUBSCRIÇÃO

PARA O MONUMENTO DE JOSÉ ESTEVÃO

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like 'Transporte 813:780', 'Caetano Joaquim d'Azevedo 500', etc.

Somma... 851:620

O nosso excellentre revisor deixou sabir no domingo alguns erros importantes, que convém rectificar. Assim no artigo de fundo, onde se lê—a tal politica, que tanto horror lhe produz, paga etc, leia-se joga etc. A ignorancia de que se cobrem, leia-se—a ignominia etc.

O sr. governador civil d'este districto nomeou uma comissão encarregada de proceder ás visitas domiciliarias, a qual é composta dos srs. administrador do concelho, delegado de saúde, dr. José Pereira de Carvalho, Arthur Leitão e José Eduardo d'Almeida Vilhena.

Ora nós e o publico, sr. governador civil, não queremos só as visitas domiciliarias! Queremos tambem, que desapareçam os focos de infecção, que existem por todos os sitios da cidade.

A camara não faz caso das nossas reclamações, e v. ex.ª não quer zurrir fortemente o sr. presidente da camara, que apenas trata dos seus interesses particulares. Demaneira, que continuaremos a gritar contra o maldito caneiro; contra a falta de um cano geral na rua de S. Martinho para receber as aguas fedorentas dos domicilios; contra as latrinas perigosas para a saúde publica, que existem por toda a parte; contra a immundissim em que se encontram algumas ruas da cidade, contra o abuso de se consentir que se tire o estrume de dia das casas particulares; e finalmente contra a falta de cumprimento das posturas municipaes.

E' para tudo isto que nós chamamos attenção do sr. governador civil, porque o presidente da camara é o primeiro a transgredir as disposições do Codigo de Posturas, e não faz caso das reclamações da imprensa.

Em algumas freguezias d'este concelho, ainda ha poucos dias existia a costumeira de se enterrar os cadaveres nas egrejas, o que decerto prejudicava a saúde publica, tanto n'aquella occasião, como agora e como sempre.

Pois, senhores, os nossos sabios hygienicos, só depois que o cholera se manifestou no Egypto, aonde tem milhares de victimas, é que se lembraram de prohibir os enterramentos nas egrejas por serem nocivos á saúde publica!!

E depois, são estes sabios, que proclamam por toda a parte medidas de desinfecção!

Deixem acabar o cholera e depois verão como elles vivem n'um monturo, e continuam a consentir os enterramentos nas egrejas.

Que pandegos!

E' pessima a illuminação da cidade. Nos sitios aonde ella se torna mais necessaria, ou não ha candieiros, ou se algum existe apaga-se muito cedo,

ou não se accende. Ha tres dias que o candieiro collocado á esquina da rua da Praça do Peixe não dá luz nenhuma e ninguém repára por isso. Um collocado na rua do Loureiro, já por duas vezes tem apparecido apagado. E tudo n'este gosto.

O pae dos pobres, repousa tranquillamente nos seus aposentos palacianos, não se dignando mandar vigiar o serviço dos empregados da camara, de que elle, infelizmente, é presidente.

Mas o povo é que tem a culpa, e por isso continuaremos a gritar!

Albarda, real senhor, o povo quer albarda.

O sr. administrador do concelho, continúa com toda a sua pachorra a exercer as funções do seu cargo. Dorme, e é tal a sua somnolencia que não repára para os inauditos abusos que se praticam n'esta cidade.

No domingo passado realison-se uma festividade no Campo dos Santos Martyres. A noite houve musica, foguetario, illuminação, balões etc, e, quando terminava aquella diversão, os habitantes d'esta cidade principiam a dirigir-se ás suas casas, sendo surpreendidos no caminho pelos touros, que tinham sido corridos na tarde d'este dia.

Felizmente o gado era manso, do contrario teriamos a lamentar a esta hora alguma desgraça, devida á falta de cuidado da respectiva autoridade que devia ter marcado uma hora mais adiantada, para a conducção do gado para as pastagens.

De mais a mais, o sr. administrador do concelho não ignorava que se havia de effectuar aquelle arraial, e por isso sabendo que os campinos costumam conduzir o gado para as pastagens ás 11 horas da noite, devia ter providenciado, mandando avisar o dono dos touros, para que este fizesse a conducção dos mesmos, pelo menos ás duas horas.

Esperamos de futuro medidas mais preventivas, para não se repetirem casos de tanto perigo.

Novamente pedimos ao sr. director do telegrapho-postal d'este districto, se digne perguntar ao encarregado do correio em Rocas (Pecogueiro), o que fez a 38 jornaes que nós enviamos para aquella localidade, dirigidos ao sr. Manuel Joaquim Tavares, visto este sr. declarar n'uma carta, que temos em nosso poder, que não recebeu taes jornaes, porque quando recebeu o primeiro, o devolveu para esta redacção, encarregando o reverendo Vigario de Rocas (encarregado do correio) de fazer o mesmo a todos os numeros que esta redacção lhe envia-se. Porem, nós só recebemos o n.º 78, com a designação de devolvido, tendo esta redacção principiado a enviar o jornal ao sr. Manuel Joaquim Tavares desde o n.º 39!

Esperamos ser attendidos no nosso pedido, porque desejamos saber, o que o reverendo vigario de Rocas, encarregado do correio, fez aos 38 jornaes, que nós não recebemos.

Providencias, porque não estamos para ser burlados pelo sr. encarregado do correio de Rocas, ou por quem desencaminhou os nossos jornaes.

Isto é bradar no deserto!

Alguns moradores da rua do Espirito Santo, d'esta cidade, pedem-nos para lembrarmos á camara municipal d'este concelho, a urgente necessidade de mandar policia aquella rua, affim de se pôr termo á infernal e insupportavel chiadeira dos carros puxados por bois, que por ali transitam, chiadeira que os não deixa descansar nem de dia nem de noite.

O pedido ahi fica, mas creiam os moradores da rua do Espirito Santo que nada conseguem, porque a camara municipal, alem de ser uma refinadissima desleixada, faz ouvidos de mercadore ás justas reclamações dos seus municipes.

Partiram hontem para o Porto os srs. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, commandante dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade, Francisco de Pinho Guedes Pinto, fiscal do material, José Maria de Carvalho Branco, 1.º patrão da 1.ª companhia e José da Costa, 2.º patrão.

Estes srs., tendo adherido ao convite feito por a Companhia dos Bombeiros Voluntarios do Porto, foram

assistir aos festejos feitos por esta agremiação, festejos que tem por fim commemorar o seu 8.º anniversario.

Os nossos patriotas foram esperados na estação de Campanhã, pela companhia dos Voluntarios do Porto.

Alguas pessoas d'esta cidade, pedem-nos para lembrar-mos ao sr. administrador do concelho, a necessidade de mandar policia ponte da Praça do Commercio, a fim de se evitar que alguns individuos mal educados, que alli se costumam reunir, continuem a proferir palavras indecentes e insultantes, que vão ferir os ouvidos das pessoas bem educadas que por ali transitam.

Achamos justissimo o pedido.

Effectuou se no dia 23, n'uma das salas do governo civil d'este districto, e sob a presidencia do sr. governador civil, a segunda inspecção do corrente mez; compareceram doze mancebos, sendo julgados aptos para o serviço do exercito e armada seis, incapazes cinco, em observação um.

Os aptos foram entregues ao sr. governador militar, ficando addidos ao destacamento de infantaria n.º 14, aqui estacionado, esperando destino.

As filhas de Maria, e os reverendos jesuitas da villa d'Ilhavo, andam fazendo propaganda contra os republicanos, dizendo, que nós somos uns pedreiros livres e uns atheus, que estamos escommungados e que o castigo do céu nos espera.

Ora nós, pedreiros livres e atheus, não temos por costume deshonrar donzellas, nem abandonar creanças, como costumam fazer as filhas de Maria e os sabujos jesuitas; por isso, não tememos, nem os castigos do vosso céu, nem as escommunhões dos vossos papas.

No dia 20 do corrente chegou a esta cidade um destacamento de infantaria n.º 14, composto de um subalferne, dois officiaes inferiores, um corneteiro e de 53 cabos e soldados sob o commando do sr. capitão Borges, a fim de render equal força de infantaria n.º 9, que aqui se achava destacada, sob o commando do sr. capitão Carvalho.

Tem-se dado n'esta cidade alguns casos de variola. Felizmente, não nos consta que tenha fallecido alguma das pessoas affectadas da terrivel molestia.

O Jornal da Manhã, periodico regenerador, que se publica no Porto, offerece aos seus leitores, as seguintes linhas, que com o maior prazer passamos a transcrever:

«O systema republicano em Portugal, tem uma grande propaganda, e um poderoso argumento, que podem mais que os mais aguerridos exercitos das maiores monarchias. São os excessos, os desvarios, as immoralidades, os roubos, os escandalos vergonhosos dos partidos monarchicos.»

São os proprios monarchicos que nos vêm dizer, o que são e quanto valem!!!

Tudo quanto transcrevemos do jornal regenerador, já se cá sabia ha muito tempo. No entanto, sempre é bom ir offerecendo estes bocadinhos de presa franca aos que vivem de esperanças monarchicas.

São mimos de familia não devem estranhar tanto.

Que lhes faça muito bom proveito.

E' digna de louver.

A camara municipal de Caminha, acaba de crear tres escolas nocturnas nas freguezias de Seixas, Gontinhaes e Penade, as quaes já começaram a funcionar.

Actos d'estes são dignos de elogio, honram a corporação que os partica e provam que ainda temos no nosso infeliz paiz municipios que velam pela instrucção do povo.

A familia real de Hespanha, eusta aquella infeliz nação a enorme quantia de doze milhões annuaes!!! Que sanguessugas!

Temos presente o n.º 39 da *Galeria Republicana*, illustrada com o retracto do austero republicano e distincto escriptor José Pereira de Sam-

paio (*Bravo*) um dos redactores politicos do nosso collega *A Folha Nova*. A biographia do nosso illustre correligionario, é escripta por Afonso Chaves.

O presente numero contem mais os seguintes escriptos:—*Confrontos historicos* por Ernesto Pires.—*Os Reis* (poesia)—*A procissão de Corpus-Christe em 1873*, por J. de Rosiers.

Os professores de Coura ha muitos mezes que não vêem um real!

E para que!? Se elles trabalham. E em Portugal só anda em dia o ordenado dos ociosos.

Perguntem ao caro Fontes, se elle já não recebeu a sua enorme mensalidade relativa a julho?

Elle tem a *face* é o *queijo* na mão.

A instrucção prejudica a realza; e então não se paga aos professores.

O *Bejense* publica as seguintes perguntas curiosas:

«Os parochos estão autorisados a passarem certidões de baptismo.... falsas?»

Estão autorisados a incluírem no sorteamento mancebos com 23 annos de idade, dizendo terem 21?

Estão autorisados a abrirem o assento no livro de baptismo, a qualquer seu parochiano, quando este já tem, feitos, 22 annos?

Espero a resposta... d'estes milagres. Para o outro numero irá o nome do santo.

Está salva a Hespanha!

O governador civil de Madrid, prohibiu a venda n'aquella capital, do *Antonio Maria*, espelendido jornal de Bordallo Pinheiro, por cauza das caricaturas do penultimo numero, relativas á Hespanha.

Parabens a Bordallo que fez tremor o valente *Arrobas* de Madrid.

O Club José Estevão, com a sua sede em Lisboa, realisa no dia 2 do proximo mez de setembro a sua sessão inaugural.

Como conta no seu gremio alguns dos principaes homens de letras do paiz, é d'esperar uma festa deslumbrante, que honrará o partido republicano.

No dia 19, na estação do meio-dia, em Hespanha, declarou-se um incendio na secretaria, acudindo logo os empregados que viram o relógio coroadado por enorme resplendor avermelhado.

O incendio pricipiou no archivo, e tomou taes proporções que o terceiro andar ardeu todo assim como o tecto do edificio, tendo-se conseguido que o fogo não passasse ás outras partes da estação.

Se o edificio não fosse de construcção mixta, as chammas tel o hiam devorado todo. Assim o fogo conservou-se no pavimento superior isolando-se os andares inferiores. Felizmente não houve desgraças pessoas.

A ilha de Ometpec, no lago Nicaragua (America central), acaba de ser inundada por torrentes de lava, que se pultou povoações, numerosos rebanhos e todas as terras productivas.

A erupção começou a 19 de junho, abrindo-se uma nova cratera, da qual, em meio de um tremor de terra prolongado, affluu um rio de lava, dirigindo-se para Las Pilas.

Dois dias mais tarde, varias montanhas fenderam-se em muitos pontos, e a lava rompeu de toda a parte, fazendo com que os pobres habitantes fugissem á tôa, allucinados de terror.

De Granada, Rivas e outras povoações das margens do lago acudiu-se, com barcos, em soccorro d'aquelles desditosos.

Tendo-se refugiado uns tantos sobre uma collina que em breve não foi mais que uma ilha em meio de um mar de fogo, tornou-se absolutamente impossivel soccorrel-os, soffrendo os desgraçados uma horrivel morte.

Um padre pregador de Fuente Ovejuna subindo ao alto do pulpito disse:

Filhas de Maria, infelizes! Não tendes vergonha de vir á igreja com o collete justo ao corpo, cinturinha estreita e pó de arroz nas faces?

Este pregador d'uma figa quer que as mulheres vão á igreja, sujas, desgrenhadas.

Mas o padre clama contra as cintu-

rinhas, contra os pós, mas é por causa das tentações!

Grande ideia teve Deus em tirar-nos uma costella.

Um correspondente de Barcelona para um jornal italiano diz o seguinte:

«O governo teme muito do exercito; este em geral odeia o ministro Martinez Campos e tem razão.

As tropas estão aqui a postos nos quartéis. Contou-me hontem á noite um official superior da arma de engenharia que toda a noite os officiaes estavam com o revolver em punho vigiando os proprios soldados, especialmente os cabos e os sargentos que são sempre a alma dos pronunciamentos. Vede que confiança está!

Ha muito que não se falava dos manejos dos nihilistas russos; Pois continuam os trabalhos revolucionarios, apesar da energica e constante represão.

Ha dias foi descoberta uma nova conspiração em Petersburg, sendo presas muitas pessoas de elevada posição, e entre ellas alguns funcionarios do paço.

Dizem de New-York, que no dia 22 do corrente, a cidade de Rochester e seus arredores foram parcialmente damnificadas por um medonho furacão que derribou um comboio de viajantes, dos quaes ficaram mortos 25 e feridos 35.

El Porvenir publica o seguinte telegramma do sr. Ruben Landa, chefe civil da sublevação de Badajoz:

«*Cherbourg*, 19, 11, 5ª noite.— Director do *El Porvenir*.— Desembarcamos n'esta praça, aonde nos conduziu o transporte de guerra *Africa* por ordem do governo portuguez, depois de nos ter detidos seis dias a bordo do *India* em Lisboa.

Antes de desembarcar protestámos perante as autoridades francezas contra o procedimento arbitrario do governo portuguez, sendo acolhidos cavalheirosa e dignamente pelas autoridades francezas.

Estão aqui emigrados 95 chefes e officiaes e 25 paisanos, todos bons.— *Landa*»

O *Conde de Chambord*—Morreu o *Filho do Milagre*, que nem pelo auxilio poderoso do pae conseguiu nunca subir ao throno de Henrique IV. A Republica nada ganhou nem perdeu com a sua morte, porque a monarchia que elle representava já tinha morrido ha muito.

Viveu illudido, mas talvez morresse desiludido. A sua agonia foi cruel, tanto pelo soffrimento phisico, como pelo soffrimento moral. Quando em todas as egrejas de França se implorava a sua vida do Altissimo, era commemorado com um esplendor extraordinario por milhões de francezes o anniversario da tomada da Bastilha, isto é da queda do despotismo famoso encarnado nos velhos Bourbons, e a Republica obtinha um grande triumpho nas eleições dos conselheiros geraes.

Ha quem prefira a morte ao esquecimento das pessoas amaveis. Se o conde de Chambord amava a França, deve ter anhelado e sentido a morte, porque morreu esquecido.

Dizem que foi honesto e virtuoso.

Os principaes generos alimenticios regulam no nosso mercado por os seguintes preços:

Table with 2 columns: Item and Price. Includes entries like 'Trigo gallego 20 litros 900', '« tremez... 800', etc.

Alto Aqui!!!—Hoje 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, vender-se-ha em leilão, em casa do carpinteiro José Antunes Salazar, na rua da Corredoura, cadeiras, canapés, uma preña de copear cartas, candieiros de suspensão, de parede e para mezas, quadros, espelhos, louças e outros muitos artigos.

Tudo se vende sem recusa de preço.

